



GUERRA HÍBRIDA COMO INSTRUMENTO DE GUERRA TOTAL COM O EMPREGO DO *SMART POWER*: UMA ESTRATÉGIA PARA AS OPERAÇÕES DE CONTRAINSURGÊNCIA

Eugénio Luís Bule¹

¹ Tenente-Coronel (Mestre), Chefe do Gabinete do Comandante da Academia Militar Marechal Samora Machel, Nampula, Moçambique.

Resumo

O presente artigo faz uma abordagem sobre a guerra híbrida como instrumento de guerra total com o emprego do *smart power*, considerando-a uma estratégia para as operações de contrainsurgência, tendo como objectivos (1) descrever a guerra híbrida como estratégia de guerra total com o emprego do *smart power* e (2) caracterizar as operações de contrainsurgência em relação à guerra híbrida. Trata-se de um artigo de revisão bibliográfica de carácter teórico, viabilizado por meio da revisão da literatura na área de operações militares, com foco na guerra híbrida e operações de contrainsurgência, tendo sido observadas etapas tais como, selecção do material preliminar, busca de material referenciado em Repositórios Científicos Internacionais Online, análise de dados, leitura e tradução dos textos escritos em língua estrangeira, sistematização do material encontrado e, a apresentação e discussão de resultados. Concluiu-se que as operações de contrainsurgência são concorrentes à guerra híbrida, uma vez que as variáveis do ambiente operacional, consideradas nas operações de contrainsurgência e a técnica recomendada para o planeamento e execução da guerra híbrida, apresentam similaridades, no entanto, a guerra híbrida é executada a nível político-estratégico e demanda todos os valores do poder nacional para o alcance do estado final desejado a nível político-estratégico, à semelhança da guerra total de Clausewitz. As operações de contrainsurgência são executadas a nível operacional e demandam o envolvimento de outras agências intergovernamentais para fazer face à complexidade da insurgência e, nesse sentido, propõem-se à réplica da guerra híbrida ao nível operacional, dotando os comandantes de capacidades necessárias.

Palavras-chave: Guerra híbrida, Guerra Total, Operações de Contrainsurgência, *Smart Power*.

Abstract

This article takes an approach to hybrid warfare as an instrument of total warfare with the use of smart power, considering it an optimal strategy for counterinsurgency operations, with the objectives (1) of describing hybrid warfare as a strategy of total warfare with the use of smart power and (2) characterizing counterinsurgency operations in relation to hybrid warfare. This is a bibliographic review article of theoretical character, made possible through the review of literature in the area of military operations, focusing on hybrid warfare and counterinsurgency operations, having been observed steps such as selection of preliminary material, search for material referenced in International Scientific Repositories Online, data analysis, reading and translation of texts written in foreign language, systematization of the material found and the presentation and discussion of results. It was concluded that counterinsurgency operations are concurrent to hybrid warfare, since the operational environment variables considered in counterinsurgency operations and the recommended technique for the planning and execution of hybrid warfare have similarities, however, hybrid warfare is executed at the political-strategic level and demands all the values of national power to reach the desired end state at the political-strategic level, like Clausewitz's total war. Counterinsurgency operations are carried out at operational level and require the involvement of other intergovernmental agencies to address the complexity of the insurgency and, in this sense, propose to replicate hybrid warfare at the operational level, easing the commanders with the necessary capabilities.

Keywords: Counterinsurgency Operations, Hybrid Warfare, Smart Power, Total War.

Informações do Artigo

Histórico:

Recepção: 11 de Setembro de 2022

Aprovação: 02 de Novembro de 2022

Publicação: 08 de Dezembro de 2022

Contacto

Eugénio Luís Bule ✉ eugenibule84@gmail.com



1. Introdução

Neste artigo, é feita uma abordagem sobre a guerra híbrida como um instrumento de guerra total com o emprego do *smart power*, sob viés de uma estratégia para as operações de Contrainsurgência (COIN). De modo geral, procurou-se analisar o emprego da guerra híbrida como estratégia de combate à insurgência, no nível operacional e, de modo particular, caracterizar as operações de COIN em relação à guerra híbrida, bem como descrever a guerra híbrida como estratégia de guerra total com o emprego do *smart power*.

A insurgência consiste numa estratégia adotada por grupos ou movimentos cujas limitadas capacidades não os permitem alcançar os seus objectivos políticos ou militares por meio de métodos convencionais, ou mesmo através de uma rápida conquista do poder (Bartles, 2016). Portanto, é uma estratégia utilizada por movimentos relativamente fracos para contrapor o poder legítimo do governo, sendo caracterizada por uma violência prolongada, assimétrica e alto nível de ambiguidade e volatilidade, uso de terrenos acidentados e de vegetação densa, acções de guerra psicológica e mobilização política que se confunde com subversão, orientados para proteger e encobrir a sua verdadeira natureza e possivelmente, desequilibrar a balança a seu favor (Bule, 2021).

As operações de COIN constituem a estratégia, adotada pelas Forças de Defesa e Segurança (FDS), para deter e eliminar a insurgência. Incluem um largo espectro de operações militares, ofensivas, defensivas e de estabilização, mas também o envolvimento de agências intergovernamentais, numa perspectiva de esforço conjunto, visando contrapor a complexidade da insurgência (JP 3-24, 2018). Uma vez que a população local, nos territórios

disputados, constitui o Centro de Gravidade (CdG)¹, as FDS adoptam um conjunto de variáveis que são características do Ambiente Operacional (AO)², que permitem uma “ganhar mentes e corações”³ ou tornar a população a “água” onde os militares possam sobreviver sãos, como “peixes”, criando assim, condições para obter vantagens consideráveis sobre a insurgência.

As variáveis do AO, consideradas anteriormente, são as sugeridas por Hrnčiar (2018), nomeadamente, Política, Militar, Económica, Social, Informações, Infraestrutura, Física e Tempo (PMESIIFT). As variáveis do AO, consideradas em operações de COIN, remetem-nos ao conceito de guerra híbrida e, por sua vez, ao conceito de guerra total de Clausewitz⁴. Desta suposta relação, foram identificados os denominadores comuns bem como os elementos diferenciadores, a destacar o *hard power* característico da guerra total de Clausewitz (Darley, 2006), e o *smart power*, característico da guerra híbrida, sendo, portanto, que ambos envolvem o empenhamento de todos os elementos do poder nacional, em diferentes parâmetros. Enquanto o *hard power* pressupõe a preponderância do poder militar para o alcance da vitória total na guerra total de Clausewitz, já na guerra híbrida, o poder militar deixa de ser preponderante, considerando-se o emprego de outras variáveis que, também possam subjugar o inimigo, sem o emprego da violência e destruição, isto é, o *smart power*. Quer a Rússia bem como os Estados Unidos da América (EUA) tomam a guerra híbrida como sendo o emprego simultâneo e combinado de acções convencionais e não convencionais e que envolve a técnica de análise e planeamento Político, Militar, Económico, Cultural e de Informação (Duncan, 2017). Esta técnica permite uma variação entre o *hard* e o *softpower*,

¹ O CdG constitui a fonte de força material, moral ou física, liberdade de acção ou mesmo a vontade para lutar.

² Entenda-se ambiente operacional como sendo um conjunto de condições, circunstâncias e influências que que afectam o emprego das capacidades e condicionam as decisões de um comandante operacional.

³ Teoria empregue durante as guerras revolucionárias, que consistia na conquista do apoio popular e dali ganhar vantagem sobre o adversário.

⁴ Carl Phillip Gotlieb von Clausewitz foi um grande estratega militar, general, do Reino da Prússia, o qual, entre outras, teorizou os aspectos morais e políticos da guerra.



cujo emprego combinado destes resulta no *smart power*.

A presente temática mostra-se muito pouco discutida e visível entre os cenários de operações de COIN. Em Moçambique, onde tem lugar ataques insurgentes ou terroristas, conforme diferentes abordagens vigentes, as operações de COIN tem sido pouco estudadas e, por outro lado, estas apresentam uma característica mais tradicional, com as linhas de operações diplomática e militar, se mostrarem ser mais preponderantes. Numa perspectiva de buscar reflectir sobre a estratégia de combate à insurgência ou terrorismo, de uma forma mais holística, o conceito de guerra híbrida despontou como uma estratégia óptima, haja visto que, se trata de um conceito que nos remete a outro conceito importante, o de guerra total. As operações de COIN demandam um esforço conjunto de igual forma que a guerra híbrida exige o empenhamento de todos os valores do poder nacional, incluindo a combinação de aspectos de guerra convencional e não convencional, tal que, presume uma abordagem mais abrangente e vantajosa se comparada com as operações de COIN. Esta reflexão pode constituir, para a instituição militar, moçambicana, em geral, uma ferramenta de construção de uma abordagem operacional para as operações de COIN que tem lugar em Moçambique, desde finais de 2017. Para os pesquisadores da linha de ensino militar, esta constitui uma reflexão que permitirá, através dos possíveis *gaps*, o desenvolvimento de estudos mais aprofundados a respeito da temática, uma vez que, ainda são escassos os estudos em torno da mesma.

Tendo em vista a satisfação dos objectivos traçados, foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica sugeridas por [Vianello \(2012\)](#). Neste sentido, foram incluídas, no sentido de abrangência, algumas fontes bibliográficas sobre o objecto estudado, sejam livros, artigos científicos, monografias, revistas, entre outras publicações. Na base deste diapasão, foi feito um delineamento bibliográfico para o levantamento de publicações com a pertinência necessária.

Conforme recomendado por [de Lima e Miotto \(2007\)](#), para a obtenção e compilação dos resultados foram realizadas actividades que consistiram na definição de fases, as quais são descritas a seguir. Na primeira fase, foram levantadas publicações relacionadas com a área de estudo, através da leitura de pesquisas diversas sobre o tema. Como critérios de selecção, buscou-se artigos científicos, estudos monográficos e manuais de campanha, escritos no período compreendido entre 2011 e 2021, com vista a salvaguardar a actualidade do estudo. Nesta fase, foram encontradas as seguintes publicações que atenderam aos critérios:

- a) Clark, Mason (2020). *Russian Hybrid Warfare. Military Learning and the Future of War Series*. Institute for the Study of War. Washington, Estados Unidos da América.
- b) Joint Publication 3-24 [JP] (2018). *Counterinsurgency*. Headquarters, Department of the Army Washington DC, United States of America.
- c) Duncan, Andrew J. (2017). New 'Hybrid War' or Old 'Dirty Tricks'? The Gerasimov Debate and Russia's Response to the Contemporary Operating Environment. *Canadian Military Journal*, (1)17, 6-16. Canadá.
- d) Hill, Donn H. (2014). *Total Victory Through Total War*. United States Army War College, Carlisle, PA, Estados Unidos da América.
- e) Honig, Jan Willem (2016). The Idea of Total War: From Clausewitz to Ludendorff. *ResearchGate*, 29-41.
- f) Raimzhanova, Aigerim (2015). *Power in IR: Hard, Soft, and Smart*. Institute for Cultural Diplomacy and the University of Bucharest.
- g) Richterová, Jitka (2015). *NATO Hybrid Threats*. Praga, República Checa.

Após a leitura das publicações, os respectivos autores foram organizados por assunto de interesse (guerra híbrida, guerra total e operações de contrainsurgência), os quais se



relacionam aos objectivos do presente estudo. A identificação dos autores citados nas publicações permitiu a definição da bibliografia a ser procurada, tornando-se na amostra do estudo.

Na segunda fase, o foco foi direccionado à colecta de dados, realizada em diferentes plataformas de busca *online*, nomeadamente, o Google Escolar, Scribd, Scielo e CAPES.

Na terceira fase, a partir dos dados colectados, foi realizada a leitura, tradução dos textos em língua inglesa e respectiva análise, o que permitiu o ordenamento das informações a respeito do tema estudado.

Na quarta e última fase, foi feita a análise das informações para a posterior formulação dos resultados e sua discussão.

Em termos de ordenamento de conteúdo, depois da parte introdutória, foi dada primazia a abordagem dos aspectos de insurgência e contrainsurgência, numa perspectiva de contextualização do leitor para as dinâmicas envolvidas e a formulação das linhas de operações; seguindo-se as abordagens dos conceitos de guerra total de Clausewitz e da guerra híbrida, na perspectiva da NATO e da Rússia; e, por fim, os resultados, sua discussão, as referências e as considerações finais.

2. Insurgência e contrainsurgência - dinâmicas envolvidas

2.1. Dinâmicas da Insurgência

A insurgência existiu ao longo da história, no entanto nota-se que fluiu largamente, em significado estratégico. Actualmente, a conjuntura mundial é caracterizada por um cenário em que a guerra convencional, sustentada e em larga escala entre Estados, mostra-se, cada vez mais, improvável, exceptuando a invasão russa à Ucrânia, a partir de Fevereiro de 2022. Todavia, o crescente sentido de descontentamento global decorrente do acentuado desenvolvimento económico assimétrico que não vai ao encontro das expectativas, o colapso das ordens políticas, económicas e sociais tradicionais, a decadência ambiental, pressão populacional, a presença de

regimes contraproducentes, o crescimento do crime organizado transnacional, e a ampla disponibilidade de armas, estão a tornar a insurgência comum e estrategicamente significativa ([Metz & Millen, 2004](#)). O quadro retro mencionado, provavelmente, continuará por algum tempo, na forma de um *status quo* dos conflitos armados contemporâneos.

Enquanto conflito armado, a insurgência decorre do desequilíbrio acentuado entre os beligerantes, em termos de potencial relativo de combate, tal que, é caracterizado pela assimetria ([JP 3-24, 2018](#)). Por exemplo, os afegãos resistiram à invasão da União Soviética, nos finais dos anos 80, recorrendo a técnicas e táticas não convencionais, de igual forma que os iraquianos, em 2003, ante a invasão norte americana (Operação *Iraq Freedom*), iniciaram a resistência numa perspectiva convencional, tendo a posterior e em função do elevado poderio do adversário, passado a assumir uma postura não convencional.

Alguns movimentos insurgentes têm sua génese nos conflitos entre grupos étnicos, clãs ou tribos, pela conquista de poder e ou supremacia, outros começam como uma manifestação de insatisfação contra as políticas do dia. Em qualquer caso, as lideranças apresentam narrativas contendo alternativas às condições existentes e, à medida que seu movimento cresce, os líderes decidem qual abordagem a adoptar ([Bartles, 2016](#)). Assim, o nível de descentralização de responsabilidades e autoridade impulsionam a estrutura e procedimentos operacionais da insurgência, sendo que a descentralização extrema resulta num movimento que raramente funciona como um corpo coerente, capaz de infligir perdas e danos substanciais, mas também confundir as FDS. Muitas insurgências contemporâneas são baseadas na identidade e, normalmente, são lideradas por autoridades tradicionais, como régulos, senhores da guerra locais ou líderes religiosos. Esta postura é, especialmente, mais comum nas áreas rurais, onde o carisma entre os populares, confere alguma margem para arrastar as massas ([Afu, 2019](#)).



A análise eficaz de uma insurgência requer a identificação de seus objectivos estratégicos, operacionais e táticos. O objectivo estratégico confunde-se com o estado final desejado dos insurgentes e os objectivos operacionais são aqueles que visam, de forma progressiva, permitir o alcance do estado final desejado. Já os objectivos táticos são imediatos, tais como os alcançados em confrontos, tais como emboscadas às unidades das FDS, por exemplo. Os objectivos podem ser psicológicos ou físicos. Um exemplo de um objectivo psicológico é o acto de desencorajar o apoio ao governo por meio de assassinatos aleatórios, incluindo de autoridades locais. Um exemplo de objectivo físico é a interrupção de alguns serviços prestados pelo governo, por meio de sabotagem ou captura duma instalação importante, como é o caso de uma central eléctrica. Esses actos táticos costumam estar ligados a propósitos mais elevados; na verdade, acções táticas dos insurgentes frequentemente têm efeitos estratégicos ([JP 3-24, 2018](#)).

Note-se que as insurgências contemporâneas têm a tendência de assumir um carácter transnacional e, de igual forma, alguns Estados criam condições para que alguns grupos de insurgentes possam actuar em diferentes países, atribuindo-os o carácter transnacional. A *AlQaeda* e o Estado Islâmico são os grandes exemplos de grupos insurgentes baseados na questão da identidade religiosa, para replicar e apoiar uma série transnacional de insurgências, conforme revelaram-se as sub-organizações denominadas Estado Islâmico da Província Central de África e Estado Islâmico da Província Ocidental de África ([Bule, 2021](#)).

Os santuários e recursos externos constituem uma grande fonte de sobrevivência das insurgências, pois é na base do apoio externo que estes adquirem recursos políticos, psicológicos e materiais, conforme afirma [Afu \(2019\)](#). No entanto, não significa que a assistência advenha somente de Estados vizinhos, pois países de fora da região bem como de outros continentes podem fornecer tal apoio, considerando que a busca de influência política ou económica, também podem propiciar o apoio

a grupos insurgentes. As insurgências podem recorrer a elementos criminosos transnacionais para obter financiamento ou usar as Tecnologias de Informação e Comunicação, com destaque para a *internet*, com vista a criar uma rede de apoio, com destaque para as empresas multinacionais e Organizações Não Governamentais (ONG). Entretanto, grupos de matriz étnica ou religiosa em outros Estados, ora por uma questão de identidade e ou busca de poder e supremacia, também podem fornecer santuários e apoio externo, tal como se tem notado nas insurgências transnacionais, como se tem notado no caso do *Boko Haram*, que actua entre as regiões fronteiriças da Nigéria, Níger, Camarões e Chade ([Afu, 2019](#)).

Segundo [JP 3-24 \(2018\)](#), os grupos insurgentes podem criar santuários em locais, dentro do território nacional, cujas FDS não exerçam o controlo ou influência considerável. É nestes santuários que actores não estatais com intenções hostis ao Estado podem desenvolver-se quase de forma despercebida.

2.2. Aspectos das Operações de Contrainsurgência

As operações de COIN exigem a aplicação sincronizada de acções militares, paramilitares, políticas, económicas, psicológicas e cívicas ([JP 3-24, 2018](#)). As operações de COIN bem-sucedidas assentam-se no apoio ou desenvolvimento de instituições locais com legitimidade e capacidade de fornecer serviços básicos, oportunidades económicas, ordem pública e segurança. As questões políticas em jogo, muitas vezes, estão enraizadas na cultura, ideologia, tensões sociais e injustiça e como tal, desafiam soluções não violentas, isto é, não necessariamente na base do uso do poder bélico. As FDS podem impor a obediência e proteger as localidades, no entanto, eles não podem, por si só, eliminar a mentalidade insurgente que permita resolver a situação. Os esforços bem-sucedidos das operações de COIN incluem a componente civil, as FDS e demais componentes que estejam orientados para o restabelecimento da normalidade e tais esforços atacam, especialmente, a mentalidade



insurgente, em vez de apenas orientar os esforços para eliminar os combatentes dos grupos insurgentes ([Cox & Bruscino, 2011](#)).

As operações de COIN combinam operações ofensivas, defensivas e de estabilização, sendo estas últimas mais orientadas para a legitimação das FDS e do governo do dia. Estas operações são conduzidas obedecendo uma sequência de três estágios, analogamente comparados aos procedimentos médicos, tais como, (1) estancar a hemorragia, (2) prestar assistência em regime de internação seguido da recuperação e, (3) o tratamento ambulatorio orientado à recuperação total, como sugere a [JP 3-24 \(2018\)](#).

Compreender essa evolução, no contexto do AO, é bastante importante para o planejamento, preparação, execução e avaliação das operações de COIN. Tal conhecimento permite que os comandantes garantam que suas atividades sejam adequadas à situação concreta.

Na fase de estancar a hemorragia, o objectivo das operações de COIN passa por proteger a população, quebrar a iniciativa e o ímpeto dos insurgentes, bem como estabelecer as condições para um maior engajamento. Operações ofensivas limitadas podem ser realizadas, mas devem ser complementadas por operações de estabilização focadas na ordem e segurança públicas. Nesta etapa, são recolhidas informações referentes aos elementos amigos e inimigos, para completar o mapa de situação e permitir que as estimativas iniciais de execução possam ser desenvolvidas. As FDS em operações de COIN também começam a moldar o ambiente de informações, incluindo as expectativas da população local, na vertente de propaganda, contrapropaganda e operações psicológicas.

Na fase de assistência em regime de internação seguido da recuperação, as FDS são mais activas, trabalhando agressivamente em todas as Linhas de Operações (LO). Nesta etapa, o esforço é orientado, igualmente, para o desenvolvimento de capacidades a nível da administração local e das FDS, de modo a derrotar a insurgência. À medida que a segurança civil é garantida, o foco expande-se

para incluir o restabelecimento do funcionamento normal dos órgãos de administração local, prestação de serviços essenciais e estímulo ao desenvolvimento económico. As relações com a população local são desenvolvidas e fortalecidas. Essas relações aumentam o fluxo de informações e outros tipos de inteligência. Essa inteligência facilita o planeamento e execução das operações ofensivas. Os órgãos de administração local e as FDS aumentam sua legitimidade através da segurança, ampliando a administração eficaz, fornecendo serviços essenciais e alcançando sucesso na satisfação das expectativas dos populares.

A última fase, correspondente à recuperação total, caracteriza-se por uma expansão das operações de estabilização em localidades disputadas, normalmente, por meio das FDS, com destaque para o emprego da força policial, responsável primária pela ordem e segurança públicas. Forças de Reacção Rápida e outras capacidades ainda podem ser necessárias em algumas áreas, mas a maioria das funções arroladas nas LO serão realizadas pela força policial, com grupos de conselho estabelecidos para a devida consultoria e tomada de decisão.

Em todas as fases referidas acima, de forma transversal, as FDS procuram a todo o custo manter a posse do terreno-chave, o qual em contexto das operações de COIN, é a população. Para a conquista e manutenção do terreno-chave, as FDS fazem-se valer de operações de estabilização inspiradas nas teorias do peixe e a água, de Mao Tse Tung bem como o do conceito de “ganhar mentes e corações” ([Bule, 2021](#)).

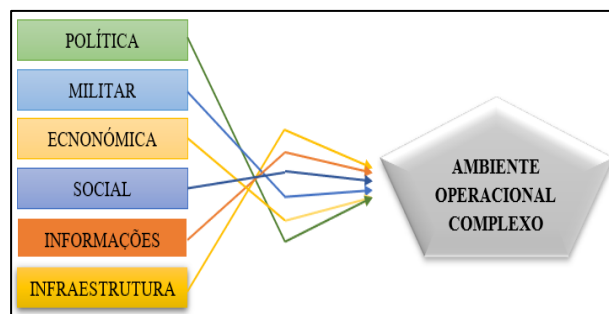
Tal como o conceito de “ganhar mentes e corações”, o conceito do “peixe e a água” foram amplamente empregues em guerrilhas. O conceito foi gerado por Mao Tsé-Tung, um líder guerrilheiro do Exército Vermelho Comunista, na China. Mao escreveu o livro “On Guerrilla Warfare” (em português “Da Guerra de Guerrilha”), no qual ele constantemente destacava a importância de dois aspectos principais na Guerra Revolucionária, primeiro, uma estratégia nacional abrangente voltada para a campanha militar e, a importância da



população civil para todos os aspectos da estratégia (Russel, 2012). Em seu pensamento, Mao apreciava a importância da população da mesma forma que, há algum tempo, o conceito de CdG de Clausewitz, em “On War” (“Da Guerra”), também enfatizava a importância da população na guerra. No entanto, não se trata apenas da necessidade de controlar a população, há necessidade sim de uma estratégia claramente formulada, como Mao estabeleceu em seu livro. Portanto, na perspectiva de Mao, se a temperatura política estiver na medida certa, mesmo que em números reduzidos, os “peixes” poderão sair-se sucedidos e prósperos. Quer dizer, para Mao, é imperioso manter uma temperatura ótima da “água” (a população), de modo que os “peixes” (os militares) sobrevivam sãos naquele ambiente (Bule, 2021). Mao pretendeu dizer, noutros termos, que os militares devem estabelecer e manter boas relações com os populares, com vista a assegurar a reciprocidade do apoio. O conceito de Cooperação Civil-Militar, relativamente, mais recente, reflete em parte os preceitos de Mao.

Egnell (2010) afirmou que um dos primeiros empregos do conceito de “ganhar mentes e corações” é atribuído a um general francês na Indochina, onde guerreava contra a revolta ao longo da fronteira chinesa, no entanto, durante as lutas de libertação, como na África, os movimentos de libertação os empregavam massivamente. Egnell também aludiu que os Estados Unidos se envolveram em esforços semelhantes para influenciar a população, primeiro no Vietname, e recentemente no Iraque e Afeganistão. O conceito de “ganhar mentes e corações” assume, muitas vezes, um significado céptico, para se referir a qualquer tentativa de influenciar a opinião pública, ou em termos estratégicos, tornar a população como o CdG das operações militares, a nível operacional e estratégico. Portanto, o emprego dos conceitos adequa-se bastante, principalmente, em operações de COIN, onde mentes e corações ganhas propiciam a derrota de uma insurgência, ou o contrário.

Figura 1: Variáveis do AO em operações de COIN



Fonte: Hrnčiar (2018).

2.2.1. Da formulação das Linhas de Operações à necessidade de um esforço conjunto

Na perspectiva de JDP 3-24 (2018), as LO constituem um mecanismo apropriado para sincronizar um conjunto de ações durante o planejamento operacional e na execução, com enfoque para as operações militares nas quais a força inimiga age por detrás e/ou entre a população. Um plano assente em LO unifica os esforços das forças conjuntas e combinadas, bem como agências governamentais e não-governamentais envolvidas, em direção a um propósito comum. As LO devem relacionar-se umas às outras e cada uma delas deve representar uma categoria conceptual, ao longo da qual, o governo e o comandante da força, que realiza as operações de COIN, predisõem-se a atacar a estratégia dos insurgentes e (re)estabelecer a legitimidade do governo.

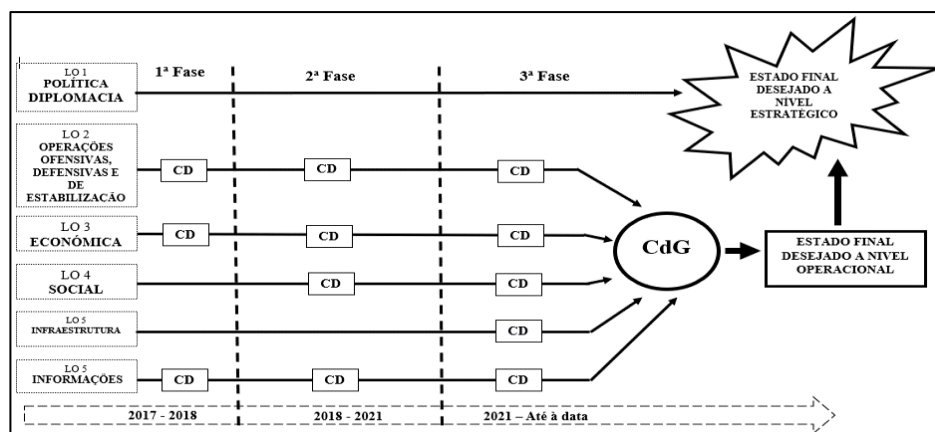
As LO podem também ser vistas por analogia, como sendo a ponderação das variáveis do AO propostas por Hrnčiar (2018), as quais incluem a política, militar, econômica, social, de informações, infraestrutura, física e tempo (PMESIIFT). As LO são utilizadas pelos comandantes operacionais para visualizar, descrever e direccionar as operações, quando a referência posicional das forças inimigas tem relativamente pouca relevância, sendo as operações de COIN, um exemplo. O alcance do estado final desejado requer uma coordenação cuidadosa das ações realizadas ao longo de todas as LO. A Figura 2, mostra, exemplarmente, como as LO podem ser estabelecidas e sincronizadas.



O sucesso em uma LO reforça os sucessos nas outras. O progresso, ao longo de cada LO, contribui para alcançar um ambiente estável e seguro, no contexto das operações de estabilização, sendo que a estabilidade é reforçada pelo reconhecimento popular da

legitimidade do governo e das FDS ([JP 5-0, 2020](#)). O comandante e seu Estado-Maior selecionam as LO com base no entendimento da natureza da insurgência, bem como do que as FDS devem fazer para combatê-la.

Figura 2: Esquema de Campanha com LO sincronizadas



Fonte: [JDP \(2013\)](#).

Legenda:

LO – Linha de Operações.

CD – Condição Decisiva.

CdG – Centro de Gravidade.

3. A Guerra total de Clausewitz

A guerra total *per si* conduz-nos à ideia de orientação de todas as capacidades nacionais para a guerra. Segundo [Hill \(2014\)](#), a guerra total traduz-se num conflito entre duas ou mais entidades, normalmente Estados, que envolve o engajamento total de todos os elementos do poder nacional por parte de um ou mais Estados, para alcançar a vitória absoluta ou total. No entanto, os Estados, geralmente, travam guerras totais contra uma ameaça existencial ([Darley, 2006](#)). A vitória total é a destruição dos meios do inimigo para travar uma guerra e quaisquer argumentos que ele possa ter para prosseguir com a guerra no futuro, incluindo a vontade de combater.

A história fornece vários exemplos de guerras como carácter de guerra total, entre elas a 3ª Guerra Púnica (149-146 ac), as duas grandes Guerras Mundiais (1914-1919 e 1939-1945),

não se tendo observado outra guerra total após o fim da II Guerra Mundial.

Dada a sua natureza, a guerra total produziu vários contras, fruto da destruição e horror característicos ([Honig, 2016](#)). Com enfoque para as duas guerras mundiais, historiadores, eticistas e advogados produziram inúmeras escrituras sobre a ética, moral e limitações na guerra. As Convenções de Genebra e Haia evoluíram, ao longo de várias décadas, como subproduto do Código Lieber e como os principais países reconheceram a necessidade de regras e até limitações na guerra, tal como discute [Hill \(2014\)](#). Entretanto, após o terror da 1ª Guerra Mundial, as grandes potências actualizaram as convenções tendentes à humanização da guerra. Entre outros estudiosos, [Hill \(2014\)](#) assume, desta feita, que a 1ª Guerra Mundial foi uma guerra total sem um vencedor “total”, um posicionamento ainda discutível no seio de historiadores e demais académicos.



3.1. O *Smart Power* em Relações Internacionais

O Sistema Internacional (SI) constituído por um conjunto de Actores Estatais e não Estatais, que se encontram relacionados, internacionalmente, é caracterizado por uma anarquia, resultante do exercício do poder entre os actores, na busca da sobrevivência (do Estado), como já dizia Thomas Hobbes, na sua teoria clássica das Relações Internacionais (RI) ([Raimzhanova, 2015](#)).

Na perspectiva de [Brito \(2010\)](#), o *hard power* é a forma mais antiga de poder, uma vez que está ligado à ideia de um SI anárquico, onde os países não reconhecem nenhuma autoridade superior e, por isso, têm de se concentrar na política de poder e a partir daí, sobreviver. Brito define *hard power* como uma capacidade que uma entidade Estatal ou não, tem para alcançar seus objectivos através de acções coercivas ou ameaças. Historicamente, o *hard power* que um Estado pode projectar tem sido medido por critérios tais como a densidade populacional, a localização e dimensão do território, a geografia, os recursos naturais, o poderio militar e o poderio económico ([Garcia, 2021](#)).

Em contrapeso, existe o *soft power*, o qual repousa na capacidade de moldar as preferências de terceiros, sem o recurso à força, coerção ou violência, mas através de bens intangíveis, como uma personalidade atraente, cultura, valores políticos, instituições e políticas que são vistas como legítimas ou com autoridade moral ([Gonçalves, 2016](#)). O *soft power* preocupa-se com a legitimidade como questão fulcral.

A conjuntura actual das RI tem exigido dos actores uma postura mais orientada para a necessidade de mesclar o *hard power* e o *soft power*, e não de forma separada, na perspectiva de que ambos se complementam e reforçam ([Brito, 2010](#)). Na verdade, o *hard power* e o *soft power* estão, basicamente relacionados na medida em que ambos representam a capacidade

de alcançar um objectivo desejado, manipulando o comportamento de terceiros. A combinação do *hard power* e do *soft power* dá origem ao *smart power*, isto é, a capacidade de um Estado ou actor não Estatal empregar de forma combinada o *hard power* e o *soft power*, o que resulta numa eficiência na prossecução dos objectivos, tal como discursa [Gonçalves \(2016\)](#).

Nota-se então, que o emprego do *smart power* requer uma articulação minuciosa das vantagens do *hard power*, como por exemplo, o investimento em Forças Armadas pujantes e alianças militares, mas também na capacidade de barganha, no concerto das RI ([Garcia, 2021](#)).

4. Da guerra híbrida à Doutrina Gerasimov

4.1.1. A Guerra Híbrida na visão da NATO

Em primeira instância, a guerra híbrida pressupõe um conflito caracterizado pelo emprego simultâneo de acções convencionais, não convencionais ou irregulares e outras para o combate. Sobre a visão da NATO⁶, em torno da guerra híbrida, [Richterová \(2015\)](#) afirma que aquela organização a vê como um conflito violento no qual observa-se o emprego simultâneo da guerra convencional e irregular, envolvendo actores estatais e não estatais, utilizados de forma adaptada em busca dos objectivos, sem se limitar ao campo de batalha físico ou a um território concreto. Cada ataque, na guerra híbrida, possui suas próprias peculiaridades e, o alvo se expande por entre outros aspectos do Estado e da sociedade, para torná-lo mais enfraquecido e alcançar seus objectivos.

Não são apenas os Estados e suas FDS que detêm a capacidade de emprego da guerra híbrida. Diversos actores podem fazer o uso desta tipologia de guerra e, dentre os actores, destacam-se os grupos terroristas ou extremistas. Porém, nota-se que o recurso e emprego simultâneo de acções convencionais e não convencionais não chega a ser um fenómeno novo, sendo, no entanto, que, a novidade e

⁶ NATO – sigla em inglês para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma aliança militar

intergovernamental que constitui um sistema de defesa colectiva dos Estados membros. Esta foi criada em 1949.



surpresa, é a escala de utilização e exploração de ferramentas antigas, de novas formas ([Cullen & Reichborn-Kjennerud, 2017](#)).

Na perspectiva de [Richterová \(2015\)](#), a tática mais comum, na guerra híbrida, traduz-se no emprego de um conjunto de acções, simultaneamente, e de forma diferenciada. Por exemplo, ao invés de uma invasão militar de larga escala, um dos beligerantes, num conflito, pode decidir orientar o seu esforço para atacar, e o seu inimigo por meio de outros métodos que envolvam a utilização de campanhas de desinformação, inteligência subversiva, ataques cibernéticos, sabotagem a vários níveis, apoio político à separatistas ou outros grupos que confirmem alguma vantagem. Na visão da NATO, por exemplo, a Rússia tem estado a fazer uso da guerra híbrida para lograr os seus intentos na Ucrânia, com destaque para a anexação da península da Crimeia, em 2014, investindo no patrocínio à grupos separatistas pró-russos, grandes ondas de (des)informação para confundir a opinião pública, sem necessariamente se empenhar directa e militarmente naquela região.

Outros estudiosos desta área, tais como [Cullen & Reichborn-Kjennerud \(2017\)](#) e [Duncan \(2017\)](#), descrevem a guerra híbrida como uma combinação de acções convencionais, táticas e emprego de escalões irregulares, acções terroristas que incluem violência indiscriminada, coerção e desordem social criminosa. Muitas vezes, tais ataques híbridos têm como alvo a dimensão física, psicológica, cultural, política e humana, sendo que as dimensões psicológica e política perseguem o objectivo de separar as classes altas bem instruídas da sociedade, militares e profissionais de diversas áreas, da população de classe média-baixa. A finalidade é criar uma fragmentação da sociedade, tornando as decisões políticas inaplicáveis nas regiões disputadas ([Richterová, 2015](#)). A ideia-chave consiste na percepção de que os diferentes instrumentos de poder de um Estado ou de um

actor não Estatal são usados em múltiplas dimensões e em múltiplos níveis simultaneamente, de forma sincronizada, em forma de LO, a nível estratégico e operacional. De forma concreta, a guerra híbrida é basicamente caracterizada pelo emprego conjunto e amplo de ferramentas e técnicas MPECI (Militar, Política, Económica, Cultural e Informação). Normalmente, visa vulnerabilidade entre as sociedades de um modo que, tradicionalmente, não se pensa, explorando, intencionalmente, a ambiguidade e a criatividade para tornar os ataques menos previsíveis, pelo facto de poderem ser adaptados para decorrerem abaixo de certos limites de detecção e resposta, incluindo limiares legais internacionais.

[Cullen & Reichborn-Kjennerud \(2017\)](#) afirmam que as campanhas de guerra híbrida podem não ser visíveis até que já estejam em curso, com efeitos prejudiciais já se manifestando e degradando a capacidade de defesa do agredido, dificultando assim o processo de decisão e reacção. Percebe-se então que o emprego simultâneo e combinado de todos os aspectos mencionados da guerra híbrida, associados à flexibilidade, aumentam em grande parte, a eficiência e/ou perigo das ameaças da guerra híbrida.

4.1.2. A Doutrina Gerasimov

Em Fevereiro de 2013, o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas Russas Valery Gerasimov⁷, publicou um artigo intitulado “The value of the science is in the foresight” (traduzido: “O valor da ciência está na previsão”). Neste artigo, o General Gerasimov esboçou a sua visão sobre o ambiente de segurança internacional, contemporâneo ([Clark, 2020](#)).

Gerasimov afirma que as guerras já não são mais declaradas e estas, quando já iniciadas, prosseguem seguindo um modelo desconhecido. Recorre, como exemplo, aos eventos da Primavera Árabe como típicos das guerras do

⁷ O General de Exército Valery Gerasimov é o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa e

o primeiro Vice-Ministro da Defesa (2012 até a data da redacção do artigo).



século XXI, trazendo a ideia de que elas são o reflexo da guerra híbrida desencadeada pelo Ocidente. Gerasimov destaca o amplo emprego de medidas políticas, económicas, de informação, humanitárias e outras não militares, aplicadas para fragmentar a população. No entanto, todas as acções foram complementadas por meios militares de carácter oculto, incluindo a realização de acções de guerra de informações e as acções de forças de operações especiais. Gerasimov destacou ainda o uso deliberado das forças, muitas vezes sob pretexto de uma intervenção de manutenção de paz e da regulação da crise, uma estratégia somente recorrida após uma determinada etapa, principalmente para a conquista do sucesso final no conflito ([Bartles, 2016](#)).

Gerasimov ainda observou o surgimento de grupos móveis e mistos de forças, utilizando inteligência e sistemas de comando e controle sofisticados para evitar engajamentos frontais, e afirmou que acções assimétricas entraram em uso generalizado, permitindo a anulação das vantagens de um inimigo em conflitos armados. Essas forças assimétricas, integradas e com capacidades de ataque a nível global, organizações militares privadas e o emprego de elementos não militares do poder nacional, representaram um sério desafio para a Federação Russa. Entre outros aspectos menos relevantes, no contexto do artigo do General Gerasimov, ele conclui sublinhando que não importa quais forças o inimigo tenha, não importa o quão bem desenvolvidas suas forças e meios de conflito armado possam ser, formas e métodos para superá-los podem ser encontrados ([Clark, 2020](#)). Haverá, sempre, vulnerabilidades e isso significa que existem diversos meios de ataque.

O artigo do General Gerasimov é tomado por vários analistas, principalmente, do ocidente, como um guia, uma directriz orientada para as acções da Rússia na Ucrânia, um prelúdio da invasão e anexação da Crimeia, no lugar de ser um mero artigo descritivo ([Duncan, 2017](#)). O artigo é visto como uma imagem espelhada, mascarando um método russo de conduzir a guerra híbrida dentro de uma suposta abordagem ocidental. Gerasimov estava então a

delinear um modelo russo de guerra, com o emprego simultâneo e combinado de todos os elementos do poder nacional, com o poder militar capaz de usar forças convencionais e não convencionais associados à alta tecnologia.

5. Resultados e discussão

O presente capítulo está subdividido em duas partes, com vista a atender os objectivos da pesquisa, nomeadamente, (1) descrever a guerra híbrida como estratégia de guerra total com emprego do *smart power*; e (2) caracterizar as operações de contrainsurgência em relação à guerra híbrida. Atendidos os objectivos específicos, à posterior é aberto o espaço para analisar o emprego da guerra híbrida como estratégia de combate à insurgência, no nível operacional.

No que tange à guerra híbrida, como estratégia de guerra total, é encontrada em diversos manuais e estudos científicos, no entanto, empregue no nível político-estratégico. Em contramão, não foram encontrados autores que abordam o emprego da guerra híbrida no nível operacional, questão que constitui parte da reflexão. Com relação às operações de contrainsurgência, foram encontrados manuais (de campanha), o que permitiu fazer a análise do emprego da guerra híbrida em tal contexto.

5.1. Guerra híbrida como estratégia de guerra total com o emprego do *smart power*

Diferentemente da guerra total de Clausewitz, a guerra híbrida, que também assume uma matriz de guerra total, em função do empenhamento dos valores do poder nacional para o alcance de determinado objectivo político-estratégico, baseia-se mais no emprego do *smart power*, pese embora o *hard power* seja, relativamente, empregue em fases mais tardias do conflito, antes da terminação (fase das operações militares em que a ameaça ou risco são eliminados permanentemente e a campanha cessa ou observa-se uma transição).

Na guerra total de Clausewitz, dois ou mais actores das RI, normalmente, Estados, engajam todos os elementos do poder nacional para



alcançar a vitória absoluta ou total, tendendo, inclusivamente, para uma ameaça existencial, como aludem [Hill \(2014\)](#) e [Honig \(2016\)](#). A guerra total de Clausewitz, característica das duas Grandes Guerras Mundiais, de facto, já não se observa desde o final da 2ª Guerra Mundial, dada a sua brutalidade e horror que diminuem o valor da humanidade, de tal forma que, o conceito de *hard power*, também foi sofrendo algum desgaste, quando se trata da sua aplicação em contexto de guerra. Uma vez que o *hard power* sempre se mostra necessário, de forma bem ponderada, surge o contrapeso, que é o *soft power*, que muitas vezes não reflecte a acção dissuasora tal como o *hard power*, dando lugar, assim, ao *soft power*. Conforme referido acima, a guerra total de Clausewitz assim como a guerra híbrida, empenham os elementos do poder nacional para a satisfação do objectivo estratégico, notando-se que, de forma mais equilibrada, estes elementos do poder nacional são empregues de forma sistemática, com o poder militar sendo um dos últimos recursos, na maioria das vezes.

Na guerra híbrida há primazia para o emprego de um conjunto de acções, de forma simultânea e diferenciada, onde as partes envolvidas num conflito orientam o seu esforço para atacar e o seu inimigo por meio de outros métodos, que não seja, necessariamente, uma operação militar em larga escala, mas métodos que envolvam a utilização de campanhas de desinformação, acções subversivas, ciberataques, sabotagem a vários níveis, apoio político à separatistas ou outros grupos que sirvam para o propósito de desorganizar ([Richterová, 2015](#)). De forma holística, considera-se que, muitas vezes, a guerra híbrida é caracterizada pelo emprego conjunto e amplo de ferramentas e técnicas MPECI, que se confundem com as LO, isto é, no contexto da aplicação do *smart power*, um determinado actor das RI pode, através das LO referentes à Política, Económia e Informação, lograr êxito, com o emprego pouco considerável da componente Militar ou empregue de forma oculta, podendo variar em função das flutuações observadas na conduta das demais acções.

A aplicação do *smart power*, na guerra híbrida, é notável, na prática, nos exemplos utilizados pelo General Gerasimov ou pela NATO ([Clark, 2020](#)). O General Gerasimov caracteriza o fenómeno da Primavera Árabe como uma acção de guerra híbrida iniciado pelo ocidente, referindo-se à NATO, onde se pôde observar uma onda de agitação social através da desinformação, subversão, introdução de elementos de operações especiais à coberto. Como se tomou conhecimento dos factos, os efeitos da Primavera Árabe incluíram a queda dos regimes políticos ora vigentes. No entanto, o caso mais saliente foi o da Líbia, o qual incluiu uma acção militar mais convencional, através do embargo do espaço aéreo e bombardeamento estratégico. A NATO viu as acções que culminaram com a anexação da Península da Crimeia, na Ucrânia, pela Rússia, como sendo grande indicador do emprego da guerra híbrida. O apoio a grupos separatistas pró-russos, na região disputada, a acção de (re)povoamento com cidadãos russos e a possível manipulação do referendo sobre a secessão da Península em relação à Ucrânia, sucedidos por uma acção de ocupação militar gradual.

Em nosso entendimento, os ataques cibernéticos executados pela Rússia, ao sistema eleitoral dos EUA, durante as eleições de 2016, a aproximação da NATO às fronteiras da Rússia, o apoio declarado e visitas de altas entidades norte americanas ao território de Taiwan, o boicote do sistema telefónico chinês 5G pelos EUA e aliados, bem como algumas insurgências quase infindáveis em África, são marcas da guerra híbrida movida pelos grandes actores das RI, os quais podem caber nas LO MPECI e que, por sua vez, justificam o emprego do *smart power*.

5.2. Operações de contrainsurgência e a guerra híbrida

À priori são encontrados aspectos de convergência entre as operações de COIN e a guerra híbrida, com destaque para as variáveis operacionais consideradas no planeamento das operações de COIN, as quais confundem-se com a técnica MPECI, aplicada na guerra híbrida.



A insurgência é um fenómeno que pela sua natureza gera um AO difuso, complexo e altamente volátil e, por via disso, as operações de COIN devem ser planeadas considerando tal natureza. [Hrnčiarv \(2018\)](#) sugere que ao nível operacional os comandantes devem considerar as variáveis operacionais que se circunscrevem nos aspectos político, militar, económico, social, informações, infraestrutura, físico e tempo. Estas variáveis são, necessariamente, as LO pelas quais as operações de COIN são planeadas e executadas, de modo a fazer face à complexidade da insurgência. Mas, quer na visão russa ou na norte americana, a guerra híbrida prevê o emprego dos elementos do poder nacional baseados na técnica MPECI, com vista o alcance dos objectivos político-estratégicos. No entanto, quer a nível das operações de COIN bem como na guerra híbrida, o emprego do poder militar não constitui o grande diferencial, na perspectiva de ser a única LO capaz de garantir a terminação do conflito ([Cox & Bruscino, 2011](#)).

Em operações de COIN, o terreno-chave é a população e, por via disso, as operações de estabilização, caracterizadas por uma alta intensidade de acções psicológicas, propaganda e contrapropaganda, são orientadas para ganhar mentes, e corações e neutralização da mentalidade insurgente. As operações de COIN não são terminadas somente por via do emprego do poder militar, isto é, nem sempre a LO Militar é a que pode garantir o sucesso de toda a operação, mas a conjugação das LO Política ou Diplomática, Económica, Social/Cultural e de Informações pode criar condições para a erradicação da insurgência.

Os grupos insurgentes podem dispor de bases de apoio além-fronteiras, incluindo santuários que os permitam operar e gerar forças, com algum à vontade ([Afu, 2019](#)). Nestas condições, nota-se a necessidade de se encontrar um ponto de equilíbrio entre a aplicação do poder militar em forma de *hard power*, ou pelo emprego de outros métodos que incluam a diplomacia, o embargo económico, a mudança de paradigma socioeconómico em territórios disputados, por exemplo.

O conceito de *smart power* surge também como um elemento concorrente entre as operações de COIN e a guerra híbrida, que é caracterizado pelo emprego simultâneo e adaptado de várias LO, neste caso, para as operações de COIN, as variáveis PMESIIFT e para a guerra híbrida a técnica PMECI, mas sempre numa perspectiva de conjugação do *hard* e do *soft power* ([Garcia, 2021](#)).

Em termos de aplicabilidade, embora haja, de facto, aspectos de convergência, à luz da perspectiva da NATO assim como russa, a guerra híbrida mostra-se mais ampla, em termos de espectro de acções, em relação às operações de COIN. Neste sentido, a guerra híbrida é mais aplicável a nível político-estratégico, enquanto as operações de COIN, conduzidas a nível operacional, mostram-se uma versão reduzida da guerra híbrida, onde o emprego do *smart power* é, igualmente, notável, através das variáveis consideradas na avaliação do AO.

6. Considerações finais

Embora as operações de COIN e a guerra híbrida tenham, de alguma forma, um denominador comum, notou-se que, em termos de espectro de acções, a guerra híbrida é mais holística e, por isso, empregue a nível político-estratégico, enquanto as operações de COIN podem ser conduzidas a nível operacional.

Deste modo, aferiu-se que a guerra híbrida consiste no emprego simultâneo de acções convencionais e não convencionais, considerando os aspectos político, militar, económico, cultural e informação, sem que, necessariamente, a componente militar seja a mais preponderante, em primeira instância ([Cullen, & Reichborn-Kjennerud, 2017](#)). De igual modo, aferiu-se que a guerra híbrida caracteriza-se pelo largo emprego do *smart power*, uma forma de exercer influência sobre o inimigo sem, necessariamente, recorrer à violência e horror para subjugar o adversário, tal como ocorria na guerra total de Clausewitz. Constatou-se ainda que o *smart power* permite, em função da situação, uma ponderação entre o emprego do *hard power* ou da violência legítima que é o poder militar do Estado, ou o *soft power*,



que se confunde com as medidas de foro económico, cultural, informacional, diplomático e outras que não sejam de cunho militar.

Verificou-se, igualmente, que a nível operacional, em contexto de operações de COIN, o modelo de guerra híbrida mostra-se relativamente mais adequado, se replicado do nível político-estratégico. A guerra híbrida em contexto de operações de COIN dotaria os comandantes operacionais de capacidades acrescidas para fazer face à complexidade da insurgência. Segundo o discurso do General Gerasimov, a guerra híbrida é caracterizada pelo amplo emprego de medidas políticas, económicas, de informação, humanitárias e outras não militares, sendo que todas as acções são complementadas por actividades militares ocultas, incluindo a realização de acções de guerra de informações e de forças de operações especiais.

Em síntese, entende-se que as operações de COIN podem constituir uma réplica da guerra híbrida, fazendo uso das teorias da guerra total alicerçada no *smart power*.

7. Referências

- Afu, Isaiah Kunock (Janeiro-Junho 2019). *Boko Haram* insurgency, youth mobility and better life in the Far North Region of Cameroon. *Cadernos de Estudos Africanos*, 37, 17-39. Université de Yaoundé I, Department of Anthropology, Yaoundé, Camarões.
- Bartles, Charles K. (Março de 2016). Contemporary Warfare and Current Issues for the Defense of the Country. *Military Review*, 46-54.
- Brito, Brígida Rocha (2010). Hard, Soft or *Smart Power*: Conceptual discussion or strategic definition? *Janus.Net, e-journal of International Relations*, 1(1), 112-114 Observatório de Relações Exteriores Lisboa, Portugal.
- Bule, Eugénio Luís (2021). *Noções Gerais de Insurgência*. Academia Militar Marechal Samora Machel. Nampula, Moçambique.
- Clark, Mason (2020). Russian Hybrid Warfare. *Military Learning and the Future of War Series*. Institute for the Study of War. Washington, Estados Unidos da América.
- Cox, Dan G. & Bruscino, Thomas (2011). *Population-Centric Counterinsurgency: A False Idol?* Combat Studies Institute Press. US Army Combined Arms Center, Fort Leavenworth, Kansas, Estados Unidos da América.
- Cullen, Patrick J. & Reichborn-Kjennerud, Erik (2017). *MCDC Countering Hybrid Warfare Project: Understanding Hybrid Warfare*.
- Darley, William M. (2006). Clausewitz's Theory of War and Information Operations. *Features*, 40.
- De Lima, Telma Cristiane Sasso & Miotto, Regina Célia Tamasso (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Ensaio, n.º. esp. (10)*, 37-45. Florianópolis, Brasil.
- Duncan, Andrew J. (2017). New 'Hybrid War' or Old 'Dirty Tricks'? The Gerasimov Debate and Russia's Response to the Contemporary Operating Environment. *Canadian Military Journal*, 3(17), 6-16.
- Egnell, Robert (2010). 'Winning "hearts and minds"'? A critical analysis of counter-insurgency operations in Afghanistan'. *Civil Wars*, 12(3), 282-303.
- Garcia, Francisco Proença (2021). A Ciência Política, a Estratégia e a Paz. *Revista Militar*, 2639, 987 – 998.
- Gonçalves, Adelaide Paiva (2016). O papel do instrumento militar no *smart power*. *Revista de Ciências Militares*, 2(4), 115-138.
- Hill, Donn H. (2014). *Total Victory Through Total War*. United States Army War College, Carlisle, PA, Estados Unidos da América.
- Honig, Jan Willem (2016). The Idea of Total War: From Clausewitz to Ludendorff. *ResearchGate*, 29-41.
- Hrnčiarov, Michal (2018). The counter insurgency operating environment. *The Gruyter Open*, 1(24). Armed Forces



- Academy of General Milan Rastislav Štefánik, Liptovský Mikuláš. Eslováquia.
- Joint Doctrine Publication 5-00 [JDP] (2013). *Campaign Planning*. Joint Doctrine and Concepts Centre. The Ministry of Defence. Shrivenham, Swindon.
- Joint Publication 3-24 [JP] (2018). *Counterinsurgency*. Headquarters, Department of the Army. Washington DC, Estados Unidos da América.
- Joint Publication 5-0 [JP] (2020). *Joint Planning*. Headquarters, Department of the Army. Washington DC, Estados Unidos da América.
- Metz, Steven & Millen, Raymond (2004). *Insurgency and counterinsurgency in the 21st century: reconceptualizing threat and response*. Strategic Studies Institute.
- Raimzhanova, Aigerim (2015). *Power in IR: Hard, Soft, and Smart*. Institute for Cultural Diplomacy and the University of Bucharest.
- Richterová, Jitka (2015). *NATO Hybrid Threats*. Praga, República Checa.
- Russel, S. (2012). Mao Zedong's on guerrilla warfare and Joseph Kabila's lost opportunity. *Small Wars Journal*. Recuperado em <http://www.nbcnews.com/storyline/isis-terror/isis-numbers-foreign-fighter-total-keeps-growing-n314731>.
- Vianello, Luvina (2012). *Métodos e Técnicas de Pesquisa*. Ensino a Distância.